

Pelo Mundo De Berlim

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN

segundocaderno@oglobo.com.br

Egitomania

Sabe-se muito pouco sobre Nefertiti. É certo que ela viveu há 3.300 anos e foi esposa do faraó Akenaton, aquele que declarou a crença em um só deus, o rei-sol Aton.

Nefertiti significa “a bela chegou”, e não poderia combinar melhor com a rainha. A Nefertiti é um dos tesouros dos museus de Berlim, sua fama e sua beleza só são comparáveis às de Monalisa.

O busto da rainha egípcia foi encontrado em 1912 durante escavações feitas sob o comando do alemão Ludwig Borchardt. A escultura é de calcário, gesso e pigmentos, medindo 47 cm de altura e pesando 20 quilos. O belo rosto anguloso, as joias e os adereços, além da sua marca registrada, que é o olho esquerdo faltando, a transformaram em ícone da antiguidade egípcia, conhecida no mundo todo.

Nefertiti mora em Berlim há mais de cem anos. Foi trazida para a Alemanha no ano da sua descoberta, em 1912, até ser doada à cidade em 1920 pelo mecenas James Simon juntamente com outros achados da expedição financiada por ele. Sua primeira aparição em público foi em 1923, no Neues Museum, e causou sensação.

Em 1939, durante a guerra, o museu foi fechado, e os tesouros foram escondidos em segurança. Após a derrota alemã, sob domínio dos americanos, ela foi exposta em outras cidades alemãs e só voltou a Berlim Ocidental em 1956. Por todos os museus onde passou, Nefertiti tornou-se a principal atração, até que finalmente retornou ao lar em 2009, quando o Museu Egípcio — que integra o Neues Museum — foi inaugurado, após um longo processo de restauração. O museu abriga hoje, além de Nefertiti, numerosas maravilhas da antiguidade e recebe mais de um milhão de visitantes por ano.

Nefertiti é polêmica. Segundo o governo do Egito, ela saiu do país camuflada pelos alemães, portanto ilegalmente. A Alemanha garante que todas as peças encontradas por Borchardt — cerca de 10 mil — passaram por triagem, e que Nefertiti saiu do Egito de acordo com o critério estabelecido na época, que dividia meio a meio os achados arqueológicos. No entanto, algo parece mal explicado, pois logo depois que Nefertiti foi exibida pela primeira vez em Berlim, em 1923, começaram os protestos dos egípcios. E por que teria ficado escondida por dez anos, por recomendação do próprio Borchardt?

As autoridades do Egito tentam desde então repatriar a estátua. Nos últimos anos, Zahi Hawass, ex-chefe do Supremo Conselho de Antiguidades do Egito (ele caiu junto com o governo Mubarak), fez muito barulho e conseguiu reaver pelo menos uma peça de peso, a múmia de Ramsés I, que estava nos EUA. Já tirar Nefertiti daqui vai ser difícil: além de argumentar que a peça está bem aqui, pois os egípcios não cuidariam adequadamente dela, a Alemanha possui um documento que prova a saída legal, ainda que as circunstâncias não sejam claras.

Em 2003 um episódio enfureceu fãs da rainha, egípcios ou não. Ela foi emprestada para integrar a obra “The body of Nefertiti” do coletivo Little Warsaw, único projeto do pavilhão da Hungria na Bienal de Arte de Veneza. O trabalho consistiu na criação de um corpo em bronze para a rainha egípcia e, para encaixar o busto ao corpo, foi necessário perfurar a sua base. Heresia!

A atual exposição do Neues Museum, “Sob a luz de Amarna — 100 anos de Nefertiti”, fica até 4 de agosto, mas a verdade é que Berlim é prato cheio para os *egitomaníacos* em qualquer época. Outra exposição que está dando o que falar é a itinerante “Tutankâmon, sua tumba e seus tesouros”, que acaba de inaugurar e fica em cartaz até setembro. Diferentemente de “Sob a luz de Amarna”, nesta exposição, que acontece no Arena, espaço gigantesco de eventos, tudo é réplica, não existem obras originais.

Dois achados importantes quase simultâneos: enquanto Borchardt encontrava Nefertiti em 1912, o arqueólogo inglês Howard Carter começava a sua ambiciosa expedição na região do Vale dos Reis. Dez anos mais tarde, exatamente no dia 26 de novembro de 1922, quando o jovem Carter estava quase perdendo as esperanças e a confiança de seu mecenas, ele encontrou a maravilhosa tumba de Tutankâmon, cuja múmia era protegida por quatro sarcófagos, um dentro do outro, sendo o último todo de ouro. O faraó que assumiu o trono ainda criança e morreu aos 18 anos de forma misteriosa é outra figura que fascina o mundo inteiro.

A exposição “Tutankâmon, sua tumba e seus tesouros” vale a visita. Os mil objetos, todos produzidos em oficinas no Egito, parecem incrivelmente reais. São três versões idênticas dessa exposição percorrendo o mundo desde 2008. No momento, além de Berlim, “Tutankâmon”, que até agora já foi visitada por mais de 4 milhões de pessoas, também pode ser vista em Amsterdã e Praga. Berlim é a 17ª estação da caravana do faraó. ●

SEGUNDA DANIEL GALERA	TERÇA Pelo mundo CRISTINA RUIZ BERLIM ANA PAULA SOUSA LONDRES	QUARTA FRANCISCO BOSCO	QUINTA Pelo mundo EDUARDO GRAÇA NOVA YORK EDUARDO LEVY LOS ANGELES	SEXTA HERMANO VIANNA	SÁBADO JOSÉ MIGUEL WISNIK	DOMINGO CAETANO VELOSO
---------------------------------	---	----------------------------------	--	--------------------------------	-------------------------------------	----------------------------------